

# NOTA DE ABERTURA

Por Maria da Conceição Nogueira\*

Eis-nos quase no final deste surpreendente e maléfico ano de 2020, marcado por este mal epidémico universal, ameaçando a Humanidade inteira, pondo em perigo o nosso planeta.

Mas nós não nos deixaremos vencer por essa COVID-19!... O nosso *PÓVOA DE VARZIM* revelou-se “impenetrável” a esse “vírus”! “Inatingível!...” Assim, eis-me uma vez mais a delinear a *Nota de Abertura* do seu nº 52-2020, quer dizer, a delinear a *Nota de Abertura* de mais uma «pegada histórica dos Poveiros». Estas «pegadas» não podem desaparecer, têm que continuar a dar «o seu contributo para a história nacional», têm que continuar com «a sua forma própria de fazer história», no dizer feliz do nosso Presidente, Engenheiro Aires Pereira.

Como verão, este volume, tal como os anteriores, cumpre inteiramente estes objectivos, trazendo à nossa memória figuras e factos de um *Passado*, em alguns casos, *Centenário*, e de um *Presente* que queremos perpetuado num *Futuro*, de que nos sentimos responsáveis.

É um volume *escrito* com devotada admiração e pesarosa saudade.

Admiração por personalidades ímpares que se impõem ao nosso espírito pelo seu raro patriotismo, pelo seu abnegado heroísmo, ou, pela sua acção cultural, pelo seu próprio registo de escritor.

Saudade por aqueles que partiram, que desapareceram na “curva da estrada”, deixando marcas indeléveis da sua passagem.

É um volume *escrito*, tendo presente a já muitas vezes citada sentença de Fernando Barbosa, inesquecível poveiro, Fundador do nosso *PÓVOA DE VARZIM*: «Uma terra sem *escrita* é uma terra sem passado.»

Por isso, aqui estamos a oferecer mais uma sua publicação *escrita*, graças à indispensável colaboração dos nossos generosos e eruditos Autores, à incondicional disponibilidade e interessado empenho de uma equipa da nossa Biblioteca, permitindo-me desde já destacar os nomes da Dr<sup>a</sup>. Maria de Lurdes Adriano e do Dr. Gustavo Vasconcelos. Sem o seu precioso apoio não estaria a deixar *escrita* esta *Nota de Abertura*.

---

\* Directora do *Póvoa de Varzim* Boletim Cultural. Licenciada em Filologia Românica.

Comecemos pela sua capa – uma boa e elucidativa imagem da *Repatriação dos Pescadores Poveiros Emigrados no Brasil*, no momento da sua recepção, frente ao Posto de Desinfecção no porto de Lisboa, em Novembro de 1920. Portanto, uma imagem de há cem anos, conseguida pela Dr<sup>a</sup>. Maria de Lurdes no Arquivo Municipal de Lisboa. É de notar a impressionante exiguidade das pertenças com que esses heróis chegaram à Pátria.

Na contracapa podemos ver o símbolo da *Associação Marítima dos Poveiros do Rio de Janeiro*, ilustrando a capa dos respectivos *ESTATUTOS*.

A abrir este volume, somos agraciados com dois textos autárquicos: do nosso Presidente da Câmara, Engenheiro Aires Pereira, e do nosso Vice-Presidente e Vereador da Cultura, Dr. Luís Diamantino.

**Bela Surpresa!** – assim se intitula o gratificante texto do nosso Presidente, debruçando-se não só sobre o conteúdo de mais esta “pesada pegada cultural”, mas também sobre a presente grave situação pandémica e suas consequências. Obrigada, Senhor Presidente, pelas suas douradas e amáveis palavras.

Ao Dr. Luís Diamantino cumpre-me agradecer as suas afectuosas palavras, fruto, sem dúvida, da sua característica generosidade e de um saudoso convívio liceal, transformado, no decorrer dos anos, numa ininterrupta e amistosa relação humana.

A sua incrível e ultra-humilde assinatura, mas, tenho que confessar – “gratificante” – tem o dom de me transportar a um tempo inesquecível de mutua aprendizagem.

Obrigada por este pacificante recuo temporal, cruzando-se com este conturbado presente.

Considero a inclusão destes dois textos institucionais como uma prova do empenhado interesse dedicado ao *PÓVOA DE VARZIM*, indispensável garantia para a sua continuidade, preocupação insistente do seu Fundador, e que, agora, já começa a ocupar a minha mente. A vida é breve...

Obedecendo à norma editorial, segue-se a *Nota de Abertura*, da minha autoria, pretendendo dar uma visão sintética da sua temática. Prometo ser breve e concisa. Deixo aos estimados leitores o suposto e, naturalmente, inegável interesse pelo seu conhecimento integral.

A ilustração da capa e da contra-capas remete-nos para um dos temas principais deste volume comemorativo do *Centenário do Repatriamento dos Pescadores Poveiros Emigrados no Brasil (1920-2020)*, aqui sabiamente tratado nos seus dois artigos liminares.

O primeiro, da autoria de Jorge Fernandes Alves, Professor da Faculdade de Letras da Universidade do Porto, que amavelmente inicia a sua colaboração no nosso *PÓVOA DE VARZIM*, intitula-se *ENTRE NATIVISMO E PATRIOTISMO – A REPATRIAÇÃO DOS PESCADORES POVEIROS EMIGRADOS NO BRASIL (1920)*.

A primeira parte do seu artigo – *EMIGRAÇÕES E TENSÕES SOCIAIS* – introduz-nos num Brasil, que tendo alcançado «em pleno o poder político com a independência», procura «estruturar o domínio económico e social dos antigos colonos e/ou seus descendentes.»

Segue-se uma segunda parte intitulada *A NACIONALIZAÇÃO DA PESCA*. A aplicação intransigente desta lei, obrigando entre outras exigências, os estrangeiros a naturalizarem-se brasileiros para poderem exercer a profissão de pescadores, provocou «a repatriação dos poveiros ante a inflexibilidade administrativa brasileira».

O Autor trata com o máximo pormenor e rigor histórico esta determinação do governo brasileiro, dando um lugar privilegiado à actuação heróica dos nossos pescadores, lembrada na toponímia da nossa terra. De salientar, também, a inclusão de imagens da imprensa da época e de algumas importantes personalidades poveiras.

Por último, acrescento a seguinte informação: o *Presidente da Associação Marítima dos Poveiros do Rio de Janeiro*, César Pereira Marques, era pai do P<sup>e</sup>. Mário e do Juiz Conselheiro César Marques, ilustres poveiros que todos nós conhecemos e admiramos. Um dos netos, concretamente o Dr. Manuel César Marques, meu antigo aluno, hoje advogado, com quem contactei, forneceu-nos imediatamente a fotografia de seu Avô, inserida neste artigo do Professor Jorge Alves. Aproveito para exprimir, uma vez mais, os meus agradecimentos pelo modo amável e pressuroso com que fui atendida.

O segundo artigo sobre este mesmo tema é da autoria do Dr. Fernando Souto, meu colega e Amigo, professor da ESEQ, e já nosso habitual Colaborador. Intitula-se *O ESTELENSE GOMES DOS SANTOS E A CAUSA DO REPATRIAMENTO DE PESCADORES POVEIROS NO BRASIL*.

Devo dizer que Gomes dos Santos é tio do nosso Amigo Sr. Alberto Eiras Gomes dos Santos, sempre disponível a transmitir-nos o seu infindável saber.

Os subtítulos deste trabalho, cuidadosamente desenvolvidos e imagisticamente documentados, dão-nos uma ideia perfeita da evolução dos acontecimentos, devendo destacar-se a descrição do *ACOLHIMENTO TRIUNFAL EM LISBOA E NA PÓVOA DE VARZIM*, completada com valiosos extractos da imprensa local e nacional, provando o envolvimento caloroso de diversas localidades do País nesta causa.

O Autor guardou a parte final do seu estudo para pôr em destaque a figura do estelense Dr. Manuel Gomes dos Santos, fundador do *Núcleo de Ressurgimento Nacional*, que desempenhou um importante papel no acolhimento aos *Repatriados* e na reconstrução das suas vidas.

Não posso concluir sem assinalar a novidade, pelo menos para nós, da última parte deste artigo – *A VISITA DE RODRIGUES MIGUÉIS À ESTELA* – José Rodrigues Miguéis, o futuro escritor, nessa altura, um jovem estudante.

Segue-se outro artigo estelense da autoria de Franquelim Neiva Soares, Professor Jubilado da Universidade do Minho. O seu título – *PROPRIEDADES DA IGREJA DA ESTELA ENTRE 1750 E 2020* – sintetiza bem o seu conteúdo, cuidadosa e documentalmente desenvolvido em três etapas cronológicas: *I – OS BENS ATÉ 1834; II – ENTRE 1834-1910; III – DESDE A IMPLANTAÇÃO DA REPÚBLICA, EM 1910, ATÉ À ACTUALIDADE*. É um artigo que esclarece e demonstra inteiramente com a máxima precisão «a continuidade e legitimidade da propriedade dos bens da Igreja de Santa Maria da Estela até à actualidade» – crê o Autor e nós também.

Surgem, agora, 4 artigos de carácter literário e sócio-cultural.

Alfredo Campos Matos surpreende-nos com o seguinte título – *EÇA DE QUEIROZ E RAMALHO ORTIGÃO: O ESSENCIAL DE UMA AMIZADE EQUÍVOCA*.

Equívoca – adjectivo que contradiz fortemente a crença, através de várias gerações, da amizade entre os dois grandes escritores do século XIX.

Equívoca – adjectivo, cabal e documentalmente justificado pelo Autor, revelando-nos os diversos “abalos” nessa amizade, em que “ingenuamente” se acreditou.

Para suscitar o nosso interesse pela leitura deste original texto, basta debruçarmo-nos sobre os seus esclarecedores subtítulos, que nos dão a dimensão progressiva desse “equívoco”:

- *O Começo de uma Viragem nas Relações Eça-Ramalho com a morte de Eça*
- *Ramalho perante a obra póstuma de Eça*
- *O Caso insólito da autoria d’O Mistério da Estrada de Sintra*
- *Ramalho Revisor d’A Cidade e as Serras*
- *As Correções de Ramalho n’O Mistério da Estrada de Sintra*

E o Arquitecto Campos Matos, depois de nos pôr a par das atitudes surpreendentes e egoístas do pretensioso Ramalho e dos prejuízos causados nas qualidades do estilo eciano, que «quase roçam o propósito malévolo», termina dizendo: «muito ficando ainda por dizer».

Concordamos com o Autor: era, realmente, «uma amizade equívoca». Está justificado o título.

E junto de escritores para quem a Póvoa não foi indiferente, positiva ou negativamente, encontra-se o artigo intitulado *JOSÉ RÉGIO E A PÓVOA*, da minha autoria, sendo a sua imagem de abertura o nosso *Diana-Bar*, eleito pelo escritor vila-condense como “lugar de escrita”, como o seu “gabinete de trabalho” e lugar de encontro com os amigos, nomeadamente, o famoso “Grupo da Póvoa”.

Perdoem-me esta nota pessoal, mas não poderia escrever este artigo sem deixar bem expressa a minha saudade por este lugar tão ligado à minha vida escolar – tão ligado a colegas de trabalho, infelizmente, alguns já desaparecidos. Realmente, «Os espaços que amamos não querem ficar para sempre fechados», como afirma Gaston Bachelard.

E temos, agora, um artigo intitulado *A PÓVOA, SUPLEMENTOS CULTURAIIS, REVISTAS LITERÁRIAS &ETC....*

Adriano Cerejeira de Castro, seu Autor, dá-nos uma visão panorâmica, mas minuciosa e crítica, comparativa em alguns casos, de uma imprensa muito específica – a imprensa jornalística interessada em incluir nas suas edições suplementos literários ou culturais.

É um profundo estudo dos seus movimentos de comunicação social a partir dos anos 60/70, a nível nacional, com expressivos recuos temporais, ocasionados pela colaboração de conhecidos escritores, destacando a sua influência nos jornais locais, como *O Comércio da Póvoa*, em que surgem nomes nossos conhecidos.

Destes suplementos, ocupa um lugar especial a revista *&ETC*, através do tratamento das suas *Características e Contexto*, do seu relacionamento com *O Comércio da Póvoa e com o Pintor Júlio*, concluindo com as suas relações com a *Póvoa*, dando relevo à *Carta de um Poveiro*.

Não posso deixar de fazer notar a originalidade e novidade deste estudo, relacionando os Suplementos Literários da época com a Póvoa e enquadrando-os nas suas grandes transformações políticas, sociais e culturais.

A imagem de abertura do próximo artigo remete-nos para o *PRIMEIRO FESTIVAL INTERNACIONAL DE MÚSICA DA COSTA VERDE / PÓVOA DE VARZIM*.

João Marques, seu Director Executivo desde a sua criação – 1979 até 2018, e seu Director Artístico desde 1989 a 2018, expõe com todo o pormenor a *vida* desta «ocorrência» que nos permite ouvir música fora das «salas de concerto das grandes metrópoles».

O professor João Marques não esquece o mentor deste Festival – *Sequeira Costa* – o grande pianista e pedagogo – que no final da década de 70 trouxe para a Póvoa o conceito de *peregrinação festiva*. Não o esquece, começando, aliás, por colocar o seu nome, em primeiro lugar, no título e lembrar “um dos episódios que mais decisivamente pesou na génese do FIMCV” – o seu encontro no Hotel Vermar com Sequeira Costa, de onde resultou a fundação do grande Festival, em substituição das actividades mensais levadas a cabo pela SOPETE.

E João Marques, através de uma descrição sintética mas suficiente, transporta-nos para o dia 11 de Julho de 1979 – dia inaugural do FIMCV – e para as suas dez jornadas pelo Norte do País. Estava realizada a *1ª Edição peregrina* deste grande espectáculo.

Encontramos, depois, o seguinte subtítulo: *O FESTIVAL ENTRE 1980 E 1987 (EDIÇÕES II A IX)*. Estas edições com alterações inovadoras, devidamente descritas, são acompanhadas da imagem gráfica do respectivo cartaz.

E agora, o penúltimo subtítulo deste minucioso trabalho: *CARACTERIZAÇÃO GLOBAL DA PROGRAMAÇÃO DO FIMCV (DE 1979 A 1987)*. Deixo ao cuidado dos interessados leitores o conhecimento dos seus importantes 13 itens.

João Marques remata o seu artigo com uma reconhecida Homenagem a Sequeira Costa, exaltando o seu legado – «*O LEGADO DE UM CONCERTISTA PROGRAMADOR.*»

Seguem-se dois artigos com Santos Graça em primeiro plano.

O primeiro, intitulado *ANTÓNIO SANTOS GRAÇA E O RANCHO POVEIRO*, é da autoria de Armando Marques, tendo exercido as funções de Chefe do Serviço Municipal de Turismo de 1966 a 87.

Ninguém melhor que este nosso Amigo para tratar o tema proposto, uma vez que, após um ano de ter sido integrado nos quadros municipais (1953), foi «convidado para administrar, representar e apresentar o *Rancho*, contando desde logo com o apoio de António dos Santos Graça», que o conhecia bem, devido aos laços de companheirismo e amizade com um seu neto, o *Nené*, que todos nós conhecíamos. Assim, Armando Marques, lançando mão da imprensa jornalística da época, à disposição na nossa Biblioteca, e recorrendo à sua eficiente memória, conseguiu oferecer-nos o trajecto de “*vida*” do nosso *Rancho Poveiro*, sempre acompanhado e defendido por Santos Graça, desde o seu nascimento em Braga, nas festas de S. João, em 25 de Junho de 1936.

A leitura deste artigo dá-nos a conhecer, pela palavra autorizada e responsável de Santos Graça, após sérias investigações, a verdade histórica do traje poveiro; as

controvérsias acerca da famosa “camisola poveira”; os êxitos e vicissitudes deste “Grupo Folclórico” e não “Artístico”; e, finalmente, o reconhecimento do seu valor com a atribuição das *Medalhas de Prata e de Ouro* pelo Município.

E Santos Graça também não foi esquecido. A actual Câmara, presidida pelo Engenheiro Aires Pereira, procedeu à inauguração da sua estátua em 7 de Setembro de 2019, no topo poente da Avenida com o seu nome.

O segundo artigo, da autoria do Arquitecto Carlos Carvalho Dias, intitula-se *ASPECTOS DA MINHA ACTIVIDADE POVEIRA COM O PRETEXTO DE UMA RELEITURA DA EPOPEIA DOS HUMILDES DE A. SANTOS GRAÇA*.

É um texto de carácter emocional perante a impossibilidade, por razões de saúde, de aceitar o Convite Municipal para assistir ao lançamento da nova *EPOPEIA DOS HUMILDES*.

Esta recusa, forçosa e involuntária, lança o Autor num mundo de recordações – no seu passado de jovem bibliófilo, adquirindo primeiras edições e num mundo de reflexões sobre o destino a dar a tantas obras, sem herdeiros directos nelas interessados.

Ora entre essas primeiras edições, contava-se, ligada à sua passagem pela Póvoa como Consultor Urbanista, a *EPOPEIA DOS HUMILDES*, que, dadas as circunstâncias, o Autor conseguiu “desencantar da sua biblioteca” e optar por uma atenta e emocionante releitura, reconhecendo a clareza e concisão dessa escrita, e, simultaneamente, tirar daí sérias “lições”.

E o Arquitecto Carvalho Dias termina o seu comovente artigo, enumerando obras referentes à Póvoa e destinadas à nossa Biblioteca, depois de escolher as quatro que vai conservar, pois, «me poderão ser ainda úteis para compulsar ou para anotar quaisquer novas ideias». Estava resolvido, em parte, o compreensível problema do destino das suas “preciosidades”.

E continuando a folhear o nosso Boletim, deparamos com «uma das figuras maiores da galeria dos heróis poveiros», a abrir o artigo de Maria de Jesus Rodrigues, intitulado *PATRÃO LAGOA (1866-1919) EVOCAÇÃO DA FIGURA DE MANUEL ANTÓNIO FERREIRA NO CENTENÁRIO DA SUA MORTE*.

Ao traçar a biografia, aliás, com algumas incertezas e probabilidades, deste *FUNDADOR DE UMA GERAÇÃO DE HERÓIS*, surgem inevitavelmente referências a outros grandes heróis – o Cego do Maio, o Mestre Sérgio ou o filho deste, o Patrão Sérgio – que, pelo seu exemplo de coragem e abnegação, poderão ser apontados como os responsáveis de «*UMA VIDA SOB O SIGNO DOS SOCORROS A NÁUFRAGOS*».

Com o subtítulo *MANUEL ANTÓNIO FERREIRA – PATRÃO DE SALVA-VIDAS*, a Autora, depois de pesquisas realizadas, apresenta-nos um conjunto de dados que lhe permitiram «aprofundar o conhecimento sobre a figura do Patrão *Lagoa*, nomeadamente sobre o seu estatuto socioeconómico, profissional e até académico».

E com o subtítulo *UM HOMEM À ALTURA DOS DESAFIOS* relata-nos pormenorizadamente as operações do resgate do navio cruzador *S. Rafael*, encalhado na foz do rio Ave (Outubro de 1911) e o naufrágio do navio inglês *Veronese*, na praia da Boa Nova, Matosinhos (Janeiro de 1913), referindo o impacto da corajosa e abnegada participação dos poveiros nestes salvamentos, destacando a acção do Patrão Lagoa, de modo a poder defini-lo como *UM HOMEM À ALTURA DOS DESAFIOS*.

E a Autora remata o seu artigo encontrando os valores positivos, humanitários do pescador poveiro nos naturais da Póvoa, nos *POVEIROS*, pelo que conclui com o seguinte subtítulo – *A HEROICIDADE NA BASE DA IDENTIDADE POVEIRA*.

E chegamos ao artigo que encerra a primeira parte deste volume, artigo ainda ligado aos dois anteriores pela sua temática, com o poético título *UMA IMPACIÊNCIA DE LANCHAS DESANCORADAS DO PASSADO*, da autoria de José Peixoto. Título muito expressivo, que nos lança de um modo subtil e metafórico no seu assunto, humanizando as *Lanchas* ao atribuir-lhes uma substância própria do “impaciente” e indo buscá-las ao campo da memória, onde elas estavam “ancoradas”.

Efectivamente é através do “*recordar*” dos seus dois entrevistados, isto é, da reconstrução de um passado enfrentando um presente, que o Autor «transcreve duas conversas temporais», que nos «devolvem a história» da *FÉ EM DEUS* e da *VOLANTEIRA* – duas lanchas unidas por um “abraço” de semelhança.

Não resisto a acrescentar uma oportuna reflexão de Sophia pela voz do professor de música: «As coisas que passam ficam vivas para sempre numa história escrita.»<sup>1</sup>

E o artigo termina pelo bota-abaixo do *Volanteiro Piueiro*, em 5 de Outubro de 2019, no *Portinho da Guarda*, tendo-se aí deslocado o nosso Vice-Presidente, Dr. Luís Diamantino.

E, agora, eis-nos perante a segunda parte deste número – a *VÁRIA* – este ano constituída pelo lançamento de dois livros e pela “memória” de poveiros desaparecidos.

---

<sup>1</sup> Sophia de Mello Breyner Andresen, *A FLORESTA*, Livraria Figueirinhas, Março, 1976, p. 77.

Assim, o Dr. Costa Carvalho, no passado dia 1 de Fevereiro, procedeu no Diana-Bar, à apresentação da sua obra intitulada *FRANCISCO GOMES DE AMORIM: REVOLUCIONÁRIO E REPÓRTER DE RUA*. Título surpreendente, pelo menos, para nós, e de grande poder apelativo.

O Autor começa por se referir a Gomes de Amorim como “homem dos jornais”, considerando, a seguir, as quatro facetas encontradas na «excursão ao tempo e ao espaço de alguns dos muitos periódicos em que o escritor colaborou».

Depois de convidar o leitor a transportar-se para o século XIX, 1846, simula um encontro deste com o jovem, regressado do Brasil, ansioso de cultura, e vindo ao encontro de Almeida Garrett.

Termina lamentando o esquecimento a que o Autor de *Cantos Matutinos e Efémeros* foi votado no Brasil e também no nosso País.

Passada uma semana, em 7 de Fevereiro deste ano, tivemos a apresentação de *ACANTOS POVEIROS*, da autoria do Professor A. Cunha e Silva, na Fundação Dr. Luís Rainha, pelo poveiro, nosso Amigo, Dr. Afonso Barros Queiroz.

Começa por se referir à bela imagem da capa – um *TRITÃO*, deus da mitologia grega, rei dos mares, ostentando um búzio na mão, que produz música apaziguadora.

A seguir, detém-se na estrutura da obra – um conjunto de cinco histórias, tendo como fio condutor a vida de um povo forte, sempre corajoso, «frente a um mar sempre violento e sempre amado».

Depois de nos dar o resumo de cada uma das histórias, destaca o título da última – *Acantos Poveiros*. Desvenda-nos o significado da palavra “ACANTOS”, estabelecendo uma esclarecedora relação com a arte dos mestres pedreiros medievais.

Como diz Agustina Bessa-Luís «A Póvoa não esquece aqueles que a amam» e a prová-lo o belo e aparentemente “vivo” *MONUMENTO A FERNANDO GONÇALVES – NANDO*, como que a convidar-nos, ao som da sua música, a comemorar com ele os seus 80 anos, no passado dia 2 de Fevereiro.

Mas *NANDO* ficará para sempre connosco naquele lugar simbólico, próximo do seu “painel de azulejos”, a deliciar-nos com a sua pacificadora música, enfim, a lembrar-nos a diversidade da sua produção artística.

E o nº 52 do nosso *PÓVOA DE VARZIM* encerra com uma nota de *PESAR PELO “PARTIR” DE DOIS INESQUECÍVEIS POVEIROS*, dois grandes Amigos e ilustres conterrâneos que não passaram em vão pela nossa terra, pelo que os relembro, aqui, com

profunda saudade e emoção, nesta página semelhante a muitas que conservam a sua marca.

Ao fechar esta *Nota de Abertura* que me obrigou a repassar todo o conteúdo deste número e reviver todos os passos da sua elaboração, devo começar por um sincero agradecimento aos nossos Colaboradores, pela generosa aceitação do nosso pedido, mostrando o maior empenho em satisfazê-lo com a máxima perfeição.

Depois, não posso deixar de assinalar, de um modo muito especial, o devotado acompanhamento da Dra. Maria de Lurdes Adriano e do Dr. Gustavo Vasconcelos, sempre disponíveis e com o maior interesse, não olhando a horas de trabalho, procurando resolver dificuldades ou problemas inerentes à produção de uma obra deste género. A sua ajuda foi e será imprescindível para a continuidade, quer dizer, para a “*vida*” deste Boletim.

Cumpre-me, também, destacar o trabalho de uma valorosa equipa que, anónima e discretamente, concorre para o êxito final do *PÓVOA DE VARZIM*, acompanhando todas as fases da sua produção.

Quero, também, agradecer o modo afectuoso e prestável como sou tratada por todos os funcionários da nossa Biblioteca, e reconhecer a sua eficiência nos respectivos serviços.

É com todo o agrado e justiça que me permito destacar os nomes das pessoas mais directamente ligadas à feitura deste Boletim, além das já citadas: Dr. Hélder de Jesus, Maria de Fátima Ferreira, Ana Maria Costa e Rogério Nogueira.

Não posso, também, deixar de reconhecer, de um modo muito especial, o esmero e dedicação com que a designer Margarida Ventura e o Sr. Adão Moreira, da *Plenimagem*, executaram o seu trabalho, ao nível do design e da paginação de mais este número, exigindo mais atenção e compreensiva tolerância.

Não posso, também, deixar de expressar a minha gratidão e confiança nos órgãos dirigentes da nossa Autarquia pela atenção e apoio sempre dispensados, tendo em vista a continuidade do nosso *PÓVOA DE VARZIM*.